

INTERNATIONAL

FÁTIMA-50

Ano III-Nº 27

13/Julho/1969



BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA



Fotografia feita em 13 de Julho de 1917
aos três pastores Jacinta, Lúcia e Francisco,
junto da Igreja Paroquial de Fátima, depois
das aparições d'essa dia, no Corvo do Lúcia
Mário Godinho

Fotografia autenticada
pelo seu autor, eng.
Mário Godinho. Diz:
Fotografia feita em 13
de Julho de 1917 aos
três pastores Jacinta,
Lúcia e Francisco,
junto da Igreja Paro-
quial de Fátima depois
das aparições desse dia.

AS REVELAÇÕES DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA E A PRÁTICA DOS PRIMEIROS SÁBADOS



ANTUNES BORGES

Quando do estudo sobre a origem da primeira imagem do Coração de Maria à luz dos acontecimentos de Fátima, publicado no número 23 de «FÁTIMA-50», caíram-me nas mãos alguns pequenos documentos relacionados com a devoção dos primeiros sábados, que, embora não constituam uma fonte indispensável, podem, todavia, considerar-se como mais uma achega para o estudo da personalidade da vidente principal de Fátima, e consequentemente para um conhecimento mais profundo da sua acção pessoal na transmissão da Mensagem de Nossa Senhora.

Não mereceria, talvez, a pena de debruçar-me sobre este particular se o público pudesse já beneficiar da publicação dos documentos de Fátima, de há muito prometida. Várias revistas no estrangeiro se fizeram eco destas promessas, merecendo especial menção a *Revue des Sciences Philosophiques et Théologiques*, que no seu número de Julho de 1968, em artigo do R. P. Laurentin, anunciava em curso de publicação a obra crítica do R. P. Joaquim M. Alonso, *Fatima, Estudios y Textos Criticos*.

Esta recensão apresentava-se como informação precisa e pormenorizada com indicação dos títulos e matéria dos 4 volumes: O I, em dois tomos — *Introducción y Textos Criticos*; o II — *Personas*, apresentaria a biografia dos Videntes; o III — *La acción dramática*, estudaria a história das aparições — 13 de Maio a 13 de Outubro de 1917, com a continuação da vida da Lúcia até à sua entrada no Colégio do Vilar, em Junho de 1921. Neste mesmo volume, viriam os chamados «temas novos»: Revelações do Coração de Maria, a Rússia, Os primeiros Sábados, o Inferno, a Consagração do mundo ao Coração Imaculado de Maria, o segredo e os «silêncios» de Fátima. O IV — *El Mensaje*, estuda a Mensagem de Nossa Senhora. E segundo a mesma informação do P. Laurentin, (pág. 523), este último volume devia aparecer dentro do ano de 1968.

Ignoro se, em qualquer revista portuguesa, tenha sido feita esta referência tão explícita e pormenorizada do trabalho do R. P. Alonso, como aliás, o público português tinha direito, tanto mais que a

FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano III - N.º 27 - 13 Julho 1969

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,
DOCUMENTAL E ILUSTRADA
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA	
Chefe de Redacção: Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO	
Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA	
Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO	
Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA Telef. 97468	

PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00
Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00
Outros países — Assinatura anual: 130\$00

PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00
Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour.

SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day.

SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.

NESTE NÚMERO :

ACTUALIDADES

Noticias de Fátima	11
Peregrinação de 13 de Junho	26

TESTEMUNHOS

O Terço oração litúrgica ?	21
Respostas ao inquérito	18

COLABORAÇÕES

As revelações do Imaculado Coração de Maria	3
---	---

ILUSTRAÇÕES

Fotos a preto e branco de «MARINHO»
Capa e contracapa: O senhor presidente da República na peregrinação de Maio; o Cardeal Rossi que presidiu à mesma peregrinação

Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.

«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.

Composto e impresso por
GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.

ANTUNES BORGES

primeira edição destes estudos devia aparecer na sua língua original.

Como já vamos a caminho do fim de 1969 e bastante adiantados no passo, sem qualquer anúncio preciso da próxima aparição desta indispensável obra, não ficarão fora do seu lugar algumas notas sobre a devoção dos primeiros sábados à luz de algumas informações particulares dadas pela Irmã Lúcia, cotejando os seus escritos e os seus reflexos progressivos na opinião pública de carácter oficial.

Mas como esta devoção não poderá compreender-se suficientemente sem a publicação de toda a documentação oficial sobre as revelações do Coração Imaculado de Maria, é indispensável, por agora, situá-la no conjunto das circunstâncias que a acompanharam, desde o seu início, o que exige uma breve exposição dos vários contactos da Lúcia com as manifestações sobrenaturais de Fátima.

A LÚCIA ATRAVÉS DOS SEUS ESCRITOS

É cedo demais e até inoportuno falar da Lúcia, pois ainda faz parte dos vivos, não deixando, por isso mesmo, de estar sujeita ao condicionalismo das limitações humanas, apesar da missão que lhe foi confiada e das graças que ela supõe e exige.

Por outro lado, não é possível fazer o estudo da mensagem de Nossa Senhora senão através dos seus escritos, com a agravante de neles entrar muito da sua pessoa, talvez, até exageradamente, presente na narração dos factos. Na verdade, ela apresenta-se-nos como que envolvida de uma singular e excepcional protecção de Deus, o que, raramente, o Senhor exige na sua actual e extraordinária acção com as criaturas. Assim parece dever ser para que, mais facilmente, seja reconhecida a Sua presença e aceite as Suas comunicações.

Logo no seu segundo escrito, a Irmã Lúcia reconhece o especial privilégio concedido por Deus de ter tido «o uso da razão muito criancinha. Lembro-me — diz ela — de ter consciência dos meus actos desde o colo materno.» (f. lv.). Privilegiada diz ter sido a sua primeira comunhão, aos 6 anos de idade, como extraordinárias parecem ter sido as circunstâncias que acompanharam a sua preparação e a aceitação da parte do pároco. É longa e cheia de vida toda a exposição que Lúcia faz de tudo o que a atormentou e a encheu de alegria ao saber-se escolhida para se aproximar da mesa da comunhão, naquela idade tão fora do vulgar, naquele tempo. Recorde-se, ainda, que a primeira comunhão das crianças de então, era também a comunhão solene como, aliás, a mesma Lúcia dá a entender ao referir-se à preparação do seu vestido, durante a noite precedente.

É tão extraordinário lhe pareceu tudo o que acompanhou o seu primeiro encontro com o Senhor na Eucaristia, que acaba por confessar: «Não sei se os factos que acabo à (sic) pouco de contar da minha primeira comunhão, foram uma realidade ou uma ilusão de criança, o que eu sei é que eles tiveram sempre e têm, ainda hoje, uma grande influência na união da minha alma com Deus.» (fls. 3 v.-7).

Tinha razão para duvidar das suas piedosas afirmações, pois, estes esclarecimentos da Irmã Lúcia

dados sobre a sua primeira comunhão, vinte anos mais tarde, não estão de acordo com quanto escreveu o visconde de Montelo no seu interrogatório de 27 de Setembro de 1917, informado directamente pela mãe da vidente. Diz explicitamente: «Tinha oito anos (a Lúcia) quando fez a sua primeira comunhão.» «As grandes Maravilhas de Fátima, pág. 71». Mesmo esta idade deve considerar-se como fora do normal, como reconhece a Irmã Lúcia, ao afirmar que o senhor prior exigia que as crianças tivessem 10 anos.

É ainda a mãe que diz a respeito da sua piedosa filha: «que não acha nela nada de extraordinário neste particular, vendo-a rezar da mesma forma e com o mesmo fervor que antes das aparições, exactamente como fazem as suas irmãs.» (Visc. Montelo, págs. 71-72).

Note-se que esta informação da mãe da Lúcia se refere já ao período das aparições de Nossa Senhora.

É neste ambiente de espiritualidade em que ela se apresenta que, passados apenas alguns meses, se verificam as primeiras aparições de alguém que nada lhe comunica nem se delinha na sua fisionomia, e que Lúcia descreve: «suspensa no ar sobre o arvoredo uma figura como se fosse uma estátua de neve, que os raios do sol tornavam algo transparente.»

Deu-se esta aparição no Cabeço onde a Lúcia se encontrava com o seu rebanho na companhia de três suas amigas, Teresa Matias e Maria Rosa, irmãs, e Maria Justino. Verifica-se aqui idêntico facto ao que se daria, após a primeira aparição de Nossa Senhora, a 13 de Maio de 1917. Esta figura semelhante a «uma peça (sic) embrulhada em um lençol» aparece quando as quatro pastoras se encontravam a rezar o terço. Apesar deste facto insólito e ao que parece absolutamente novo, não se agitam nem se movem, mas continuam a rezar o terço, «com os olhos fitos na dita figura que assim que terminamos desapareceu».

Ainda aqui não parece estar de acordo com o que afirmou no interrogatório de 19 de Outubro de 1917, sobre este mesmo particular, quando respondeu: «cuido que fugi.» (Visc. Montelo, pág. 113). Na verdade, não é facilmente crível que se tenham conservado naquela imobilidade tranquila, diante de uma aparição, para mais, imprecisa. É muito mais natural a atitude perante a primeira aparição de Nossa Senhora, mesmo admitindo as anteriores, a presença do receio que levou a aparição a dizer que não tivessem medo.

Desta vez, as companheiras da Lúcia não se contentaram sem falar de tudo o que tinham presenciado, o que deu origem a uma intervenção da mãe de Lúcia que, depois de interrogar a sua filha, «rematou tudo com um gesto de desprezo dizendo, tolices de crianças.» (2.º Escr. f. 8).

Esta visão devia ser seguida por mais duas, em datas que a Lúcia não determina. Todavia, porque refere estes acontecimentos à primeira fase da sua pastoreação do rebanho familiar, iniciada, como ela confessa, aos sete anos, devem atribuir-se ao período entre 1914-1915.

Não se percebe bem por que motivo é que, ao terminar a breve narração das primeiras aparições e dos reflexos que elas tiveram dentro e fora da família, acrescenta esta explicação: «Como eu desde a minha primeira Comunhão me ficava como que abstrata recordando o que eu tinha passado, minhas

AS REVELAÇÕES DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

irmãs com algo de desprezo perguntavam-me: estás a ver algum embrulhado no lençol?»

Todas estas afirmações da Lúcia se devem, por isso, localizar à volta da sua primeira comunhão, feita, não em 1913 — aos 6 anos — mas entre os anos 1915-1916 — aos 8 anos — e que ela agora vê num ambiente de graças extraordinárias que Deus lhe concedeu, através da sua vida religiosa, revestindo todos os acontecimentos com uma luz muito além de quanto tinha experimentado, vinte anos antes. O facto das primeiras aparições do vulto embrulhado numa espécie de lençol é admitido pela Lúcia no interrogatório de 19 de Outubro de 1917, sem todavia dar qualquer esclarecimento sobre a visão e seu número. Apenas consente que realmente tinha aparecido.

No interrogatório de 27 de Setembro de 1917, à pergunta se Nossa Senhora lhe tinha aparecido, no ano anterior, respondeu: «O ano passado nunca me apareceu, nem antes de Maio, nem eu disse isso a pessoa alguma, porque não era exacto.» (Visc. Montelo, pág. 72).

Parece ter havido da parte da Lúcia a preocupação de ocultar tanto as primeiras aparições do vulto angélico como as do ano seguinte, em que o Anjo de Portugal tão profundamente a devia agitar e transformar na sua vida íntima com Deus, como confessa nas suas memórias. A maneira como evitou dar uma mais precisa e esclarecedora resposta, no interrogatório de 19 de Outubro de 1917, limitando-se a uma prudente reticência, mostra bem a preocupação do silêncio sobre os acontecimentos passados antes de Maio de 1917.

Ao interlocutor não era desconhecido que a mãe da Lúcia tinha sido informada, a seu tempo, acerca das primeiras aparições, razão porque formulou, desta vez, a pergunta, claramente sobre o «vulto embrulhado numa espécie de lençol, que não deixava ver o rosto.» (Visc. Montelo, pág. 113).

É neste estado de alma que Lúcia descreve o afastamento das suas primeiras companheiras de pastoreação e de videntes de alguma coisa que permaneceu, para sempre, imprecisa, e se voltou para os seus primos, Francisco e Jacinta, que deviam entrar em cena no desenrolar de todas as manifestações que, nos dois anos seguintes, se haviam de passar em Aljustrel com o Anjo e na Cova da Iria com Nossa Senhora.

Lúcia não volta a falar das suas primeiras companheiras e apresenta os dois novos zagaletes a caminho do Cabeço, onde se refugiam e permanecem todo o dia, abrigando-se entre o rochedo, da chuva miudinha que, nesse dia, caía.

Desta vez o terço rezou-se, depois da merenda — «não sei se não seria um daqueles que questumavamos com o afam de brincar», diz Lúcia — e logo a seguir, «um vento forte sacode as árvores e faz-nos levantar a vista para ver o que se passava (...).»

A Irmã Lúcia, nesta segunda memória, composta apenas em 14 dias, isto é, de 7 a 21 de Novembro de 1937, e passados 21 anos, diz-nos expressamente: «Vemos entam que sôbre o olival se encaminha para nós a tal figura.» Quer dizer, esta nova aparição é a continuação do que, no ano anterior, tinha visto por aqueles mesmos locais, com a diferença que, agora, tomava uma nova feição de tal forma que, «à maneira que se aproximava iam devizando as feições, um jovem dos seus 14 a 15 anos, mais branco que se fosse de neve, que o sol tornava transparente como se fosse de cristal e d'uma grande beleza (...).»

O que se passou neste encontro, há muito que é do domínio público. Note-se, apenas, que, também desta vez, Lúcia pede a seus primos que guardem segredo de tudo o que viram e ouviram. «e desta vez — diz ela — graças a Deus fizeram a vontade.»

A visão que se diz ser o Anjo de Portugal, volta a aparecer-lhes, «paçado bastante tempo, em dia de verão», quando se encontravam no quintal junto do poço da família da Lúcia. Após as mesmas recomendações de oração e sacrifício, a visão declara-se o Anjo da Guarda, o Anjo de Portugal.

Dá-se a terceira aparição passado tempo e no mesmo local onde se tinha manifestado a primeira vez, e quando os videntes se encontravam a rezar a oração que, ali mesmo, tinham aprendido.

Esta terceira audiência angélica teve uma feição nova, totalmente dominada pelo espírito eucarístico que cavou profundamente no coração da Lúcia, relacionando este ambiente com o primeiro encontro com Cristo, no dia da sua primeira comunhão, feita no ano anterior.

Também por assinalar a data destes encontros dos três videntes com o mensageiro angélico. Mas, a ajuizar pelas expressões da Lúcia nos seus escritos, o último deve ter sido muito a caminho do findar de 1916. Desta sorte, pouco mais de seis meses intermediaram entre estes acontecimentos e aqueles outros que teriam seu início a 13 de Maio de 1917 do ano seguinte, tendo como figura principal Nossa Senhora.

Os primeiros reflexos da aparição da Cova da Iria não parecem estar bem de acordo com a intensidade de vida espiritual que a Irmã Lúcia atribui a si mesma e principalmente à Jacinta e a seu irmão, ainda antes das aparições de 1917. Tudo aparece, aqui, como alguma coisa totalmente nova, sem precedentes, provocando reacções onde não transparece uma vida espiritual sentida profundamente e vivida numa manifestação sem par. Os interrogatórios a que foi sujeita logo após as aparições — o de Maio, cerca de 15 dias depois, o de Junho, logo a seguir ao dia 13, em Julho, no mês seguinte, em Agosto e Setembro, dois dias depois da aparição e em Outubro, no dia 16 — nada nos fazem prever da amplitude e até da gravidade da Mensagem de Nossa Senhora.

Nem foge a esta aparência a própria mãe da Lúcia que se apresenta aflita e lastimosa declarando convictamente que tudo julgava como mentira, apesar de ter tido, anteriormente, conhecimento da primeira aparição do vulto angélico.

Não se vê razão por que se deva colocar a figura dos videntes num ambiente que não corresponda à sua perfeita realidade, a começar pelo desabrochar da sua inteligência em circunstâncias fora do normal, como Lúcia afirma de si mesma. Não se vê ainda motivo para se considerar «graça extraordinária da sua primeira Comunhão» como a classifica o P. Joaquim M. Alonso, quando afinal nada parece ter havido de especial, como acima se expõe. (cf. «História da Literatura sobre Fátima», pág. 24).

Nem creio que beneficie o conhecimento da verdadeira mensagem de Nossa Senhora a colocação dos videntes em tais circunstâncias de vida mística que os separe da vida normal de qualquer outra criança da sua idade. Sobre este ponto a informação da mãe da Lúcia está plenamente de acordo com este princípio. Por seu lado, o sobrenatural na transmissão da mensagem de Nossa Senhora será tanto mais

aceitável quanto maior equilíbrio natural e espiritual se manifestar nos instrumentos de que Deus se serve.

Neste particular, até o administrador, que foi, indiscutivelmente, um instrumento de que Deus se serviu, nos dá uma óptima confirmação. Quando ele se apresentou, no dia 13 de Agosto de 1917, em casa do pároco de Fátima, e quis induzir a Lúcia a dizer-lhe o segredo recebido de Nossa Senhora, a vidente teve esta prudente e sensata resposta: «Olhe! ... se quere ... vou lá acima e pergunto à Senhora se ella me dá licença para dizer o segredo e se Ella me der licença, então digo-lho. A isto respondeu o administrador: são cousas sobrenaturais ... Vamo-nos embora.» (*Inquérito paroquial* — 4.^a Aparição, a 19 de Agosto.)

Para que o administrador fizesse esta confissão pública de que se tratava de «cousas sobrenaturais» não foi necessário recorrer a mistificações dos videntes. Foi exactamente a sua simplicidade, aliada à sua natural rudeza, sempre mais conforme com a realidade das coisas, que o levou a desistir, nesta altura, a ultteriores insistências, resolvendo utilizar outros meios, mas noutras circunstâncias, que tocaram as raias da violência, para tentar alcançar o seu intento.

Note-se que esta cena se passava apenas um mês depois das manifestações do Coração de Maria e da visão do Inferno que Lúcia descreve com grande vivacidade no seu 4.^o escrito (fls. 73-76).

No inquérito paroquial, embora não faça qualquer referência directa ou indirecta à visão do Inferno, há, todavia, um particular que poderá, talvez, considerar-se como relacionado com este facto. Das quatro pessoas chamadas a testemunhar neste processo paroquial, três estiveram presentes, em 13 de Julho, e todas elas foram expressamente interrogadas sobre a aparição deste mês. Duas confessaram ter ouvido claramente as perguntas e respostas da Lúcia, não transparecendo nada nelas que possa relacionar-se com a reacção provocada nos videntes com a visão do inferno. Da forma como ambas descrevem as perguntas da Lúcia e o intervalo suficiente para as respostas de Nossa Senhora, que não ouviam, não se vê lugar para uma contemplação, como parece exigir o que descreve a Irmã Lúcia. Ambas são unânimes em afirmar que, após a última pergunta de Nossa Senhora, a Lúcia apontou imediatamente para o nascente, dizendo: «Voltem-se para acolá se querem ver Nossa Senhora.» A terceira testemunha diz nada ter ouvido por estar um pouco mais afastada, mas que via, perfeitamente, que a posição da Lúcia era, de facto, de quem estava a dialogar com alguém.

Teria o pároco tido algum conhecimento especial, neste mês, que o levava a escolher exactamente as testemunhas que ali estiveram, no dia 13 de Julho? A própria Lúcia se refere, no seu quarto escrito, a alguém que teria ouvido um grito dado pelos videntes, quando da visão do Inferno (f. 74).

Nenhuma referência ou aspecto especial há no «Processo Paroquial» sobre este particular, nem sequer no interrogatório do pároco, feito logo no dia seguinte, que possa significar o conhecimento de alguma coisa decisiva e de maior influência no espírito dos videntes.

Já se pretendeu descobrir na fotografia dos videntes, tirada no próprio dia 13 de Julho de 1917, logo após a aparição e junto da igreja paroquial, alguns sintomas de terror provocado pela visão do Inferno. É necessário ter-se muito boa vontade para encontrar naqueles rostos de crianças habituadas à vida da

serra e privadas de qualquer naturalidade no trato com pessoas estranhas, sinais que espelhem alguma coisa mais que o receio de se sentirem fotografadas, naquele tempo, em que este amadorismo era tão raro e quase desconhecido dos zagaletes serranos.

Dos três, o Francisco, normalmente retratado como o menos sociável e mais retraído, é quem se apresenta nesta fotografia, menos comprometido. Na sua prima e na irmã tudo se encontra em contraste total com a descrição que a Lúcia faz quer de si mesma quer da Jacinta. Tudo neles é artificial: a expressão do rosto, a posição das mãos e das pernas e todo o seu olhar desconcertado. Esta fotografia é a tradução autêntica e genuína do que deles apresentaram quer a mãe da Lúcia quer as testemunhas do processo canónico.

AS REVELAÇÕES DO CORAÇÃO DE MARIA

É nestas circunstâncias de contrastes em alguns particulares que nos são apresentadas as revelações do Coração de Maria. A análise de todos os interrogatórios primitivos dá-nos uma visão unânime sobre a figura de Nossa Senhora apresentada, exclusivamente, sob a invocação da Senhora do Rosário. Apenas em 13 de Outubro nos aparecem outras invocações da Mãe de Deus — Senhora das Dores, mas sem espada no coração, e Senhora do Carmo.

Em todo o processo das aparições, o terço «é em honra da Senhora do Rosário»; o andar com as esmolas é mandado levar na festa e em benefício da Senhora do Rosário; a capela a construir com o produto dessas esmolas é dedicada à Senhora do Rosário; a 13 de Outubro a aparição diz: «Eu sou a Senhora do Rosário; no dizer da própria Lúcia, Nossa Senhora não mandou rezar pela conversão dos pecadores, mas, «mandou-me só rezar à Senhora do Rosário para que acabasse a guerra. «Por fim, na aparição no céu, diz a Lúcia: «primeiro vi a Senhora do Rosário ... depois a Senhora das Dores ... e a Senhora que me pareceu ser a Senhora do Carmo.» (Visc. Montelo, pág. 96).

Foi esta mentalização que dominou todo o primeiro período da história da mensagem de Nossa Senhora em Fátima, de alguma forma confirmada pela Santa Sé com a concessão da primeira missa votiva do Santuário da Senhora do Rosário — 7 de Outubro.

A partir de 1927 a designação de Nossa Senhora do Rosário de Fátima começou a ser menos frequente e a ser substituída, simplesmente, por Senhora da Fátima. Em 1931, nota-se já uma transição para a devoção ao Coração de Maria, sem todavia se fazer qualquer referência às aparições de Fátima. No número 103 da «Voz de Fátima» — 13 de Abril de 1931 — aparece a colaboração dum sacerdote dos Padres Servitas do Coração de Maria, com continuação no número seguinte, onde se fala, já mais expressamente, da devoção ao Coração Imaculado de Maria.

É nesta altura, que se anuncia o plebiscito nacional para a consagração de Portugal ao Sagrado Coração de Maria — «Voz de Fátima», 13 de Fevereiro de 1931 —, voltando-se a insistir no número seguinte. Em 13 de Maio, três anos depois da consagração de Portugal ao Coração de Jesus, realiza-se aquela consagração com referência explícita às manifes-

AS REVELAÇÕES DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

tações de Fátima, sob a triplice invocação da Senhora do Rosário, Senhora das Dores e Senhora do Carmo. Na alocução da missa da peregrinação, o sr. Cardeal Patriarca diz, apenas, que esta consagração é o complemento da consagração ao Coração de Jesus. (V. F. N.º 105) Permanece, ainda, o silêncio sobre as manifestações do Imaculado Coração de Maria, em Fátima.

A partir desta data, as referências ao Coração de Maria são frequentes, em parte, devido ao trabalho de apostolado de devoção ao Coração de Jesus, promovido, em Portugal, pelo padre P. Mateo. É, ainda neste período, que se levanta o monumento ao Coração de Jesus, no centro do Santuário. No ano seguinte, a 13 de Junho de 1932, o senhor D. José Alves Correia da Silva benze este monumento e consagra o Santuário ao mesmo Coração de Jesus, não fazendo, na fórmula, qualquer alusão ao Coração de Maria.

Influenciados por este espírito, os prelados portugueses começam a fazer a consagração das suas dioceses ao Coração de Maria. Com data de 8 de Dezembro de 1932, o bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva publica uma pastoral anunciando esta sua decisão, o que realiza a 4 de Julho de 1933 na sua catedral, onde em 1917 tinha feito a consagração da diocese ao Coração de Jesus.

Nesta sua carta pastoral — verdadeiro tratado teológico-histórico da acção de Nossa Senhora na Igreja e no País — o prelado de Coimbra não faz qualquer menção especial aos fundamentos da devoção ao Coração de Maria, a própria fórmula da consagração, renovada com a sua diocese em Fátima no dia 13 daquele mesmo mês, apenas se refere ao Coração de Maria no título.

Bragança faz, também, a sua consagração a Nossa Senhora, a 15 de Agosto de 1935 no Santuário diocesano de Velas Boas. Esta solene consagração tinha sido preparada por meio dum pastoral do prelado, publicada com data de 25 de Março anterior. Não há nesta consagração uma simples referência ao Coração de Maria. O título diz, simplesmente: Consagração a Nossa Senhora.

A 13 de Setembro de 1935, a diocese da Guarda, peregrina na Cova da Iria, faz aqui pela voz do seu pastor a sua solene consagração a Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Nenhuma influência da devoção ao Coração de Maria se nota esta consagração. (V. F. N.º 156-157).

Em Maio de 1936, o Episcopado reunido em Fátima, ao terminar os exercícios espirituais, renova a consagração ao Coração de Jesus e a Nossa Senhora e faz o voto de voltar aos pés da Mãe de Deus em devota peregrinação, se Portugal não fosse perturbado pelo comunismo que agitava a Espanha. Na oração, cheia de vida e fervor, dirigida a Nossa Senhora de Fátima, não há qualquer invocação ao Coração de Maria.

O voto feito nesta reunião é cumprido na grande peregrinação de agradecimento, a 13 de Maio de 1938. A pastoral colectiva publicada com data de Domingo da Ressurreição de 1938 (17 de Abril, só ao terminar se refere ao Coração de Maria, com estas palavras: «A maneira também de captivar o Coração da Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, é tornarmo-nos a imagem de seu Divino Filho (...).» (V. F., N.º 188). Note-se que, nesta altura, já tinham sido entregues os dois primeiros escritos da Lúcia.

Apesar de todo este reservado silêncio acerca das manifestações do Coração de Maria de que a Irmã Lúcia fala nos seus escritos, pode considerar-se esta peregrinação de Maio de 1938 como a abertura para a proclamação da devoção ao Coração de Maria e a sua íntima relação com as aparições de Fátima.

Foi exactamente com data de 13 de Maio deste ano, que o senhor D. José Alves Corria da Silva escreveu as primeiras palavras de abertura à publicação da vida da Jacinta, saída a lume pela brilhante pena do cônego José Galamba de Oliveira, guiado pelas informações fornecidas pela Irmã Lúcia. A primeira leitura desta encantadora biografia foi feita, pela primeira vez e ainda em folhas soltas, à maneira que iam sendo impressas, no retiro espiritual do Episcopado, que precedeu imediatamente esta grande peregrinação de 13 de Maio de 1938. Foi tal o interesse que despertou ao levantar o véu das primeiras revelações do Coração de Maria que, com data de 10 de Agosto daquele mesmo ano, aparecia a segunda edição da vida da Jacinta.

Foi grande, de facto, a abertura das almas em direcção ao Coração de Maria, provocada pela vida daquela pequena vidente que havia de ficar conhecida como a primeira «florinha de Fátima».

Neste meio tempo tinha sido entregue pela Irmã Lúcia a sua segunda «Memória» em que expõe longamente todas as aparições e particularmente o que se refere às revelações do Imaculado Coração de Maria e a sua influência na vida dos videntes. Estava-se, então, em fins de Novembro de 1937, o que explica perfeitamente a crescente mudança de linguagem e entusiasmo à volta desta devoção mariana.

Em 13 de Outubro de 1939, o sr. Cardeal Patriarca, na sua homilia faz menção mais aberta ao Coração de Maria, sem todavia falar expressamente das suas manifestações em Fátima: «Queremos comover o Seu Coração Imaculado, lembrando-lhe insistentemente que o Senhor no-la deu (...).» E ao terminar: «Peçamo-lo (o perdão) pelo Coração Imaculado de Maria Mãe de Deus e Mãe nossa (...).»

Nota-se perfeitamente que estas expressões significam o conhecimento das revelações da Irmã Lúcia, tendo em vista que o fim especial desta peregrinação era implorar a paz para o mundo ameaçado pela guerra. (V. F., N.º 205).

A REVELAÇÃO DOS PRIMEIROS SÁBADOS

Na «Voz da Fátima» desta mesma data aparecia alguma coisa de novo referente à devoção do Imaculado Coração de Maria. Rodeando uma tradicional gravura do Coração de Maria, vinha em grande título: **Desagravo ao Imaculado Coração de Maria — Devoção dos primeiros Sábados de cinco meses seguidos.**

Sem qualquer aprovação oficial, era, pela primeira vez, aconselhada no órgão oficial do Santuário esta devoção, limitando-se o informador a transcrever as palavras da Lúcia com um pequeno comentário: «Esta devoção brota naturalmente das Aparições de Fátima, em 1917. Foi o Coração de Maria, condoído da perda de tantas almas que a trouxe do Céu à Cova da Iria para falar aos pequeninos pastores.»

Em 1942 tudo se preparava por meio da pastoral colectiva do episcopado, para a celebração das bodas de prata das aparições. Tudo levava a crer que se desse conhecimento das últimas revelações expostas na terceira e quarta «Memórias» da Irmã Lúcia, datadas, respectivamente, de 31 de Agosto e 8 de Dezembro de 1941, tanto mais que se apresentava com uma feição universal e de interesse para os responsáveis da vida das Nações e da Igreja.

Todavia, quer a pastoral colectiva quer a homilia do Exmo. Cardeal Patriarca, na missa de 13 de Maio de 1942, se mantiveram numa reserva bastante limitada. Apenas aqui vemos esta lacónica afirmação: «Fátima ainda não disse a Portugal e ao mundo todo o seu segredo.»

Parece demasiado pouco o que contém esta afirmação, passados 25 anos, após a entrega duma mensagem que se apresentava, já nesta altura, com tantos reflexos no mundo agitado. Mais claro e aberto tinha sido o cardeal Schuster, arcebispo de Milão, na conclusão do seu sinodo diocesano, a 18 de Abril de 1942. São explícitas as suas palavras: «Recentemente a última sobrevivente dos três afortunados pastorinhos (de Fátima) declarou à autoridade eclesiástica que Nossa Senhora lhe manifestou também o desejo de que o mundo se consagrasse solenemente ao Seu Materno e Imaculado Coração, dedicando a tal devoção a Sagrada Comunhão nos primeiros sábados do mês.» (V. F., N.º 238).

A 31 de Outubro deste ano, ao encerrarem-se as celebrações das Bodas de Prata das Aparições, S. Santidade o Papa Pio XII fecha com chave de ouro esta ascendente marcha de devoção ao Coração Imaculado de Maria, consagrando-lhe solenemente o mundo, na sua mensagem dirigida a Portugal. No dia 8 de Dezembro seguinte, renova a mesma consagração, na Basilica de S. Pedro, em Roma.

O que se passou depois desta data entre o vigário de Cristo e Fátima, é do conhecimento de todos, o que não impede que se volte a este particular numa próxima oportunidade.

Por agora, resta-nos tentar descobrir alguma coisa mais nas relações particulares da Irmã Lúcia, através da sua correspondência sem carácter oficial, onde é mais fácil encontrá-la tal qual ela era e onde, por isso mesmo, as suas afirmações serão mais naturais e por conseguinte mais próximas da verdade.

São muitas as cartas espalhadas por esse país fora e até pelo estrangeiro. Pena é que não se tenha feito uma colheita de todos esses elementos em benefício do arquivo oficial do Santuário. Hoje, parece já ser tarde, pois alguém se adiantou nestes passos, salvando, todavia, muitas destas cartas duma quase irremediável perda. Foram exactamente algumas destas cartas particulares que deram origem a este trabalho.

Hoje, apenas me referirei, particularmente, a duas, por estarem intimamente relacionadas com a devoção dos primeiros sábados e, por consequência, às revelações do Coração de Maria. Pertencem estas cartas ao período em que já andavam bastante divulgados os escritos da Irmã Lúcia e a devoção dos primeiros sábados. A primeira foi escrita de Tui, com data de 10 de Novembro de 1945, por pessoa das melhores relações com a vidente de Fátima. Teve a sua origem num questionário mandado de Portugal por uma religiosa para que a Irmã Lúcia esclarecesse alguns particulares desta nova devoção.

... «Ahora voy a contestar a sus preguntas, y empiezo por decirle que para saberlas no pedí nada a la Superiora Provincial, que ya no está en Tuy, ni a la de casa de Tuy, por que a lo mejor me ponían algun reparo. Como tengo permiso de hablar así como toda mi familia con Lucia estuve con ella personalmente y se lo pregunté todo bien.

1.ª — Para hacer los primeros sábados hace falta confesar y comulgar.

2.ª — La meditación se hace aparte del Rosario.

3.ª — La meditación es sobre un misterio, dos o tres segun se quiere pero mejor es que en uno, dos o tres, pero bien hecho, o sea que lo que se medite del misterio sea hecho a fondo.»

Receando não ter sido bastante clara, a informadora intermediária esclarece: «Yo creo Mère Ch. que Ud. me habrá comprendido bien como le explico, pues Lucia me dijo que el caso era hacer el 1/4 de hora de meditación, pero bien hecho y que los misterios que se mediten pueden ser uno o más segun se quiera.»

A religiosa não se considerou bastante satisfeita, pois desejava que voltasse às suas mãos a folha do questionário que tinha mandado, agora, com as informações dadas directamente pela Irmã Lúcia. A 23 de Janeiro do ano seguinte, a sua intermediária voltava a escrever dando-lhe a alegre notícia dos novos esclarecimentos escritos pela mão da vidente de Fátima.

Também esta carta poderá servir para alguns outros confrontos, razão porque aqui se transcreve: ... «Como ve le mando su impreso corrigido por ella misma, que después de leerlo me lo arregló.

Por si a Ud. le conviene saberlo, hablando después las dos de los primeros sábados, me dijo que el misterio que se medita, puede ser apropiado a la SSma. Virgen, ó a Nuestro Señor segun se quiera, pues hay a quien le gusta meditar mucho sobre la oración del Huerto, y a otras personas sobre otro misterio, como la Pasión etc. etc.

También me dijo que el tiempo es un cuarto de hora de meditación y que la SSma. Virgen no le dijo nada de pregação (sic) pero que si quiere se puede hacer.

Creo que Ud. quedará mui contenta con los datos que le di, y guarde ese papelito corregido por ella misma, porque es de gran valor.

Si algun dia hace algunas hojitas impresas de los primeros sábados tal como ella se las manda, no deje de darme a mi una o dos.»

Que a informadora era da intimidade da Irmã Lúcia mostra-o tudo o que acima se transcreve e particularmente estas últimas palavras com que conclui a sua carta: «Hace unos dias tuvo Hna. Dolores conmigo una distinción que a nadie más que a su Superiora y a mi, me dijo, se algun dia estoy con Uds. se la diré secretamente, porque no conviene de ninguna manera decirla por carta, y si consigo lo que quiero de tal cosa, le mandaré una prueba de ella.»

Estas cartas dão-nos a oportunidade de pôr o problema da verdadeira origem e em que termos é que esta devoção foi aconselhada por Nossa Senhora. É fácil de ver que os particulares relativos quer à confissão quer à meditação não foram, certamente, objecto directo da revelação, mas apresentados à semelhança das primeiras sextas-feiras em honra do Coração de Jesus. As citadas informações da Lúcia acerca destes particulares são mais que convincentes.

AS REVELAÇÕES DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA

É de todos conhecido o que a vidente de Fátima afirma nas suas «Memórias», atribuindo à aparição de Julho de 1917 a revelação desta devoção. A primeira informação de carácter particular que foi possível encontrar vem numa carta da Lúcia escrita a sua mãe, a 24 de Julho de 1927, isto é, 14 anos antes da apresentação da sua terceira «Memória».

Também esta carta, pela sua simplicidade, própria duma filha que escreve a sua mãe, merece especial menção, por traduzir a verdadeira realidade da alma. Depois de pedir à mãe que sofra com espírito de reparação o sacrifício da sua ausência, a Irmã Lúcia acrescenta: «... Queria também que a Mãe me desse a consolação de abraçar uma devoção que sei é do agrado de Deus e que foi a nossa querida Mãe do séu (sic) quem a pediu. Logo que tive conhecimento d'ela desejei abraçá-la e fazer com que todos os demais a abraçarem, espero portanto que a Mãe me responderá a dizer que a faz e vai procurar fazer com que todas essas pessoas que aí vão a abracem, também não poderão nunca dar-me consolação maior do (que) esta; consta só em fazer o que vai escrito nesse santinho, a confissão pode ser noutro dia e os 15 minutos é o que me parece lhe vai fazer mais confusão, mas é muito fácil; quem não pode pensar nos mistérios do Rosário? Na Anunciação do Anjo e na humildade da nossa querida Mãe que ao ver-se tão exaltada chama-se escrava; na paixão de Jesus

que tanto sofreu por nosso amor e a nossa Mãe S. S. junto de Jesus no Calvário; quem não pode assim nestes santos penhamentos paçar 15 minutos junto da Mãe mais terna das Mães (:::).»

Esta a simplicidade com que a Irmã Lúcia escrevia a sua mãe ensinando-a a praticar a devoção dos primeiros sábados. Não sei se terá sido esta a primeira revelação desta prática de piedade. Pena foi que o santinho a que a Lúcia faz referência não tenha chegado até nós para se poder verificar o que mais ali aconselhava. Na realidade, há qualquer coisa que fica por esclarecer no que diz respeito ao número dos sábados, sem a ulterior publicação dos restantes documentos. Este particular nenhuma referência traz em qualquer dos documentos de carácter oficial já em poder do público. Nas suas «Memórias», Lúcia fala quatro vezes desta devoção dos primeiros sábados — três na terceira e uma na quarta — limitando-se, sempre, a aconselhá-la sem qualquer outro esclarecimento. Tem-se a impressão de que nenhuma limitação teria sido imposta quanto ao número desta prática.

O documento mais antigo, dos poucos que foi possível manusear, e que se refere ao número — cinco primeiros sábados — é de 28 de Outubro de 1934. É uma carta escrita pela Lúcia ao cônego Formigão em que diz: «Quanto ao que me pergunta da devoção dos cinco sábados não foi pedida sob a invo-

NOTAS SOBRE A PRÁTICA DA DEVOÇÃO DOS CINCO

PRIMEIROS SÁBADOS:

a) CONFISSÃO . É válida a confissão de oito dias e de muitos mais ainda..

"Quem se esquecer de formar a intenção de desagrar o Coração de Maria", pode formá-la na confissão seguinte, aproveitando a primeira ocasião que tiver de se confessar. *sim*

contanto que se faça com a intenção de desagrar

b) COMUNHÃO . Quando receber a Nossa Senhor, deve a alma "estar em graça e ter a intenção de desagrar o Imaculado Coração de Maria." *sim*

c) TERÇO . Não está ligado à Meditação, podendo rezar-se na ocasião que for mais conveniente. *sim pode*

d) MEDITAÇÃO . Pode fazer-se sobre um ou mais mistérios, conforme se quiser, mas é preferível não passar de dois ou três. *Pode ser de um ou mais (1)*
O que importa é que seja bem feita e o mistério que se escolher meditado a fundo.

Quando haja pregação, seja esta feita em forma de Meditação, pois foi o que o Coração de Maria pediu. *sim se fazem da pregação em meditação.*

(1) conforme quiser

cação das Dores, mas segundo eu entendi sob a intenção de devoção reparadora ao Imaculado Coração de Maria.»

Desta resposta, apenas se vê que a vidente foi interpelada acerca da intenção desta devoção, partindo-se do princípio de que já era aceite a limitação na prática dos primeiros sábados.

No citado número 205 da «Voz da Fátima» — 13 de Outubro de 1935 — cita-se um texto atribuído a Lúcia sobre a devoção dos primeiros sábados, com a indicação do número 5, mas tal qual se transcreve não aparece em nenhuma das suas quatro «Memórias.»

É certo e sabido que a Irmã Lúcia teve muita correspondência quer com o seu confessor quer com a autoridade eclesiástica. Parece, no entanto, muito estranho que tendo aparecido todas as suas «Memórias» depois desta data — 1935 — nenhuma referência se faça àquele texto tal qual vem publicado na «Voz da Fátima» e transcrito em muitos outros livros que se têm referido às revelações da Cova da Iria.

É igualmente do domínio público que Lúcia teve outras revelações nos primeiros anos da sua estada na Congregação das Doroteias. A elas se deve referir — talvez a primeira vez — a madre Maria das Dores Magalhães, quando, em carta de 29 de Dezembro de 1925, dirigida ao senhor bispo de Leiria, dizia: «A M.^a das Dores já me disse que teve aqui (em Pontevedra) uma graça grande da SSma. Virgem, e eu não me admiro nada disso (...).»

É, pois, de admitir que muitos destes particulares tenham derivado das ulteriores aparições de Nossa Senhora. A própria Lúcia manifesta um certo progresso na sua alma relativo a estas práticas e particularmente a esta devoção. Na sua terceira «Memória», diz: Ao sentir que Deus «estava prestes a descarregar o golpe sobre as nações culpadas, e comecei por isso a pedir com insistência a Comunhão reparadora nos

primeiros sábados e a consagração da Rússia (...). Deus na sua infinita misericórdia, foi-me fazendo sentir como esse terrível momento se aproximava e V. Excia. Revma. não ignora como nas ocasiões oportunas o fui indicando.» (f. 10).

De tudo o que fica exposto se verifica a necessidade dum esclarecimento de tudo o que diz respeito à verdadeira mensagem que Nossa Senhora veio trazer ao mundo. Este esclarecimento só poderá vir da publicação de todos os documentos. Já passaram vários anos após o surgir de muitas dúvidas sobre alguns pontos fundamentais da mensagem da Mãe de Deus tal como tem sido apresentada em muitas obras. Pena é que ainda se continue no campo da pura apologética, fundada, apenas, em alguns documentos.

É indiscutível que nem tudo se poderá publicar, principalmente o que se relaciona directamente com a vidente viva, ou o que esteja ligado pelo vínculo do segredo. A verdadeira história de Lourdes é dos nossos dias e já lá vão mais de cem anos. No entanto, muitas coisa poderia ter sido já esclarecida. As «Memórias» da Lúcia vieram levantar muitas questões que tocam directamente o centro da mensagem de Nossa Senhora e dificilmente se poderão dissipar sem a apresentação dos documentos capazes de esclarecer onde termina a acção progressiva da vidente de Fátima e onde começa a celestial mensagem da Mãe de Deus.

A continuação prolongada nesta situação poderá levar-nos a concluir que os escritos da Irmã Lúcia deveriam ter sido mais cautelosamente meditados e mais prudentemente acompanhados dos ulteriores documentos que esclarecessem os seus pontos escuros.

Resta-nos a esperança de estar para breve a aparição daquelas obras que, de há anos para cá, nos vão sendo prometidas.



II SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE A MENSAGEM DA FÁTIMA

Está a realizar-se, na Domus Pacis, sede internacional do Exército Azul, em Fátima, o II Seminário Internacional sobre a Mensagem de Fátima, este ano consagrado aos países de línguas românicas. Dura até ao dia 19.

Haverá duas sessões de estudo diárias. Preside o senhor cardeal arcebispo de Nápoles, nela tomando parte vários prelados.

CAPAS PARA A SUA

COLECÇÃO 68-69

DE "FÁTIMA - 50"

JÁ PODE ADQUIRI-LAS

CUSTO: 40\$00

E O CORREIO

ÚLTIMA
HORA

NOTÍCIAS DE FÁTIMA



Dando-se as mãos, fraternalmente, para resolver os problemas do trabalho.

PEREGRINAÇÃO DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS

Cerca de quatro mil empregadas domésticas reuniram-se em Fátima no dia 15 de Junho para a sua peregrinação anual, organizada pela Obra de Santa Zita. Pelas 19 horas, concentraram-se junto da Cruz Alta e dali desfilaram em direcção à Basílica, de bandeiras e guiões desfraldados à frente.

O padre António Craveiro Viagas, director-geral da O. P. F. C., dirigiu-lhes a palavra numa breve saudação. Afirmou que a peregrinação era um testemunho de fé, uma oração e um acto de caridade. De fé, numa afirmação de obediência a Igreja e de união com o Papa.

Oração, pela sua santificação pessoal, pelas suas famílias, por intenção da primeira semana de estudos dos problemas das empregadas domésticas que se ia realizar em Coimbra, até quinta-feira.

Após uma breve oração as peregrinas dispersaram para voltarem a reunir-se no mesmo local às 21,30 horas, para uma hora de adoração ao Santíssimo Sacramento. Durante a mesma, pregou o padre Henriques Vidal sobre a persona-

lidade cristã da empregada doméstica, do como ela deve tomar consciência dessa sua personalidade, responsabilizando-se pelos seus actos, que a tornem presente ao Mundo como modelo de virtudes cristãs.

Organizou-se em seguida uma procissão de velas, com a imagem de Nossa Senhora de Fátima, a qual terminou cerca da meia-noite.

O padre Henriques Vidal disse, em resumo, o seguinte:

«Na sua visita à Organização Internacional do Trabalho, o Papa Paulo VI saudou a assembleia pelo muito que tinha feito, nos 50 anos de existência, a bem dos trabalhadores: condições de vida melhores, salários mais justos, previdência social. Encorajou-os a prosseguir, pois a humanidade apresenta, em cada geração, novos problemas.

Dirigindo-se particularmente aos membros da O. I. T. que acreditam em Deus e eram até cristãos, disse que o cristão, nunca está só nas suas realizações. O Senhor

acompanha os seus. É a palavra que parece mais adequada para esta hora de adoração.

Também nestes anos da Obra de Santa Zita, quanto bem se tem feito! É justo dar graças ao Senhor por tudo. Mas é preciso continuar. Para isso vamos daqui para Coimbra para a 1.ª Semana Nacional de Estudos dos Problemas das Empregadas Domésticas.

Queremos que o nosso trabalho seja um trabalho com Deus. Foi este o pensamento do fundador.

É aos pés do Senhor que nós queremos pedir muitas bênçãos para a classe e para os trabalhos da Semana de Estudos.

O Senhor aqui presente é uma realidade. São reais os problemas que nós depomos diante do altar. Vamos tentar resolvê-los à luz da fé.

Porque nós permanecemos firmes na fé, mesmo quando tudo parece ser contestado. Nós permanecemos firmes com a Igreja e com o fundador da O. P. F. C. na adoração do Senhor e com Ele queremos trabalhar por uma classe mais valorizada humanamente, e mais compreendida.



No dia 16, pelas 7 horas, houve missa concelebrada a que presidiu e durante a qual pregou o senhor bispo da Guarda, que disse em resumo:

"Deveis levar daqui a vossa

cântara cheia da água fresca da graça e do amor e disponibilidade de serviço de que é modelo Nossa Senhora que a si mesma se chamou a Serva do Senhor. Vontade de servir a Deus no próximo, sem

abdicar da vossa personalidade e dignidade de mulheres e de cristãs."

As cerimónias terminaram com um coro falado e a procissão do «adeus», um belo espectáculo de cor e de fé.



OS 75 ANOS DOS SALESIANOS EM PORTUGAL

Encontram-se os Padres Salesianos a celebrar o 75.º aniversário da chegada dos obreiros da primeira hora à nossa terra.

Estiveram em Fátima no princípio de Junho, na sua XVI Peregrinação Nacional, com mais de 5000 peregrinos. Vieram em acção de graças e a pedir alento para, com a esperança do santo fundador, se lançarem em novas empresas que Deus e o Mundo, e principalmente a juventude da nossa terra, esperam da sua obra.

O desejo de D. Bosco de atender os pedidos que lhe chegaram da nossa Pátria para estender a nós a sua obra, concretizou-se no governo do seu 1.º sucessor, o venerável padre Miguel Rua. Coube ao servo de Deus Padre Filipe Rinaldi, provincial em Espanha e depois também em Portugal, estudar as condições para a vinda dos Salesianos.

Braga, a Roma Portuguesa, rejubilou ao vê-los chegar na tarde de 8 de Novembro de 1894. Capitaneava a pequena expedição o já experimentado e hábil padre Pedro Cogliolo, auxiliado pelo Padre



Angelo Bergamini e o clérigo José Galli.

Foram estes os iniciadores da Obra Salesiana em Portugal, onde vieram dirigir o Colégio dos Órfãos

de S. Caetano na cidade dos arcebispos. A estes se vieram juntar dois anos depois o padre Luís Maria Sutura, o padre Agostinho Colussi e o célebre músico padre José Cócina.



Estandartes de várias Escolas, Associações de Cooperadores, etc.

«Uma casa sem música é um corpo sem alma»—D. Bosco.



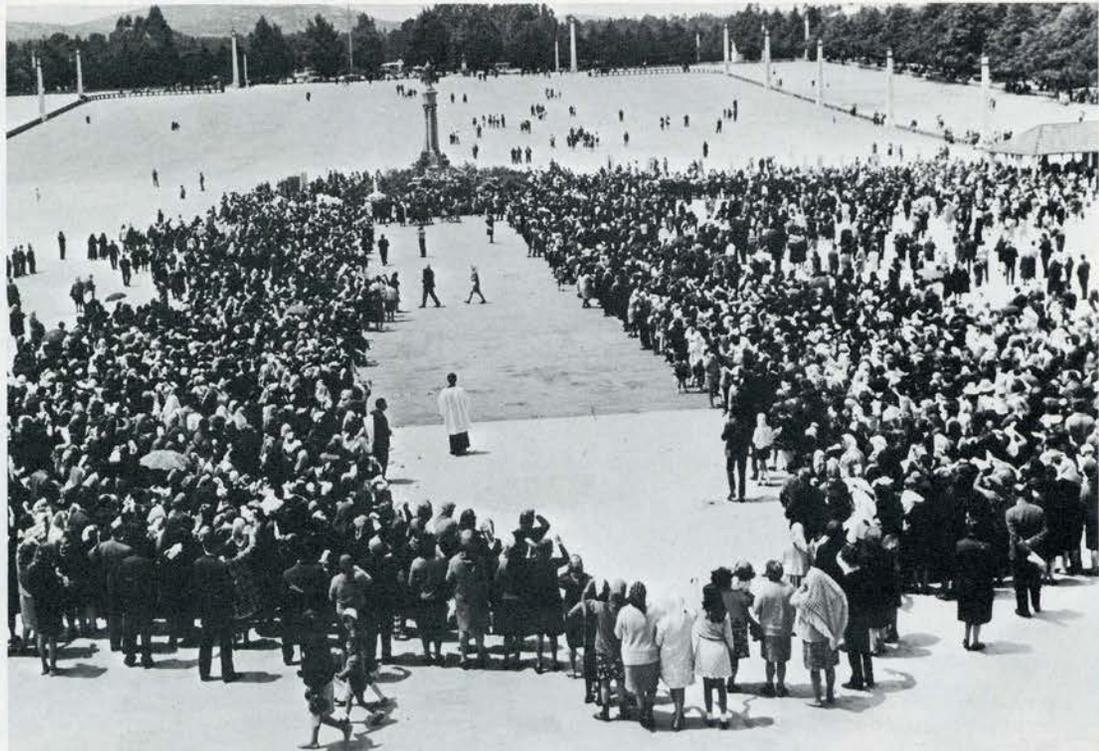
O primeiro português que se alista nas fileiras do novo instituto, em boa hora entrado em Portugal, também sob a influência persistente do servo de Deus Padre dr. Francisco Cruz, é o jovem estudante de teologia, clérigo José Maria Coelho, que deixará fama de virtude e talento. Já antes um sacerdote diocesano português, Revo. Padre Simões, dera o seu nome e fora colaborar em Roma onde faleceu no ano anterior à

vinda dos filhos de D. Bosco para Portugal.

São dignos de menção nesta breve resenha o Padre Cogliolo e o clérigo José Galli, o Pe. Suter e Padre Agostinho Colussi.

O Padre Pedro Cogliolo, natural de La Spezia (Itália) onde nasceu em 1886, frequentou o Instituto de S. Paulo, da cidade natal, e tomou o hábito talar das mãos de D. Bosco em S. Benigno Canavese. Dois anos depois foi incorporado

numa expedição missionária para a América do Sul, Trabalhou no Uruguai e no Brasil. Foi ordenado sacerdote, no Rio de Janeiro em 1889. Esgotado pelas lides apostólicas teve de regressar à Europa, trazendo consigo os primeiros noviços uruguaianos e brasileiros. Quando da abertura da Obra Salesiana o venerável Padre Rua pensou no ardoroso e jovem sacerdote Padre Cogliolo que sabia falar bem o português. Espírito aberto, de iniciativas rasgadas, bom diplomata, conquistou o apreço das autoridades, inclusive da família real, sobre a jovem Congregação. De Braga transitou para Lisboa, onde dirigiu as velhas Oficinas de S. José, à Rua do Sacramento à Lapa. E sob a orientação do virtuoso e santo provincial Padre Rinaldi, mais tarde 3.º sucessor de D. Bosco, abriu o aspirantado e noviciado do Pinheiro, às Laranjeiras, em Lisboa. Foi a alma das novas Oficinas aos Prazeres, que tanto bem haveriam de espalhar entre a juventude pobre e operária dos bairros circunvizinhos. O seu trabalho incansável e bem orientado, como incremento das obras, foi premiado com a erecção canónica da província Portuguesa Salesiana em 1902, de que foi o 1.º superior até 1908. Durante o seu mandato a Obra alargou-se aos Açores em



Os peregrinos, alunos e cooperadores salesianos.

Antigos alunos salesianos conduzem o andor de Nossa Senhora.



1903 (Angra do Heroísmo), a Viana do Castelo em 1904 e ao Porto em 1909.

E o Ultramar enriqueceu-se também com o seu apostolado. Macau em 1906, tendo à frente o servo de Deus e futuro bispo de Xiu-Chau, o mártir Pader Luís Veriglia.

E nesse mesmo ano, na Índia (padroado), Tanjor e S. Tomé de Meliapor e Moçambique, em 1907. Nomeado no ano imediato visitador extraordinário, visitou a África, a Ásia (Índia e Macau), América do Norte e do Sul. As suas altas qualidades levaram a Santa Sé a escolhê-lo mais tarde para secretário e encarregado de negócios da Internunciatura Apostólica da Costa Rica. Faleceu em Roma com 66 anos de idade, a 15 de Setembro de 1932.

A Província Portuguesa Salesiana não esquecerá o nome deste bom filho de D. Bosco.

Do Padre Angelo Bergamini (nascido em 1864 e falecido em Itália com 84 anos, a 24 de Março de 1948) não tenho dados à mão que me permitam um breve bosquejo. Trabalhou incansavelmente no Colégio dos Órfãos de Braga onde criou renome. O sr. Padre Morais poderá completar a nota, com o que lembra, deste cabouqueiro.

O clérigo José Galli, nascido em 1877 e falecido em Santa Cruz da Califórnia com 75 anos a 19 de Maio de 1952, desenvolveu a sua actividade em Braga e em Lisboa. Anos após a ordenação sacerdotal foi destinado ao apostolado entre emigrantes portugueses da Califórnia (Estados Unidos), onde os Salesianos entraram em 1901.

Ai se fundaram duas paróquias: a de S. José e a de Maria Auxiliadora, onde o bom Padre Galli se devotou totalmente e por muitos anos ao bem espiritual dos portugueses. Ai teve outros colaboradores, também da 1.ª hora, como o Padre António Ragogna e o Padre Henrique Ferreira, este ainda vivo com a linda idade de 86 anos.

A figura do Padre Luís Sutura, nascido em 1869 e falecido em Cuiabá (Brasil) com 79 anos a 19 de Fevereiro de 1948, salientou-se primeiro em Braga como director desde 1896 e depois nos Açores, como vice-provincial (1908-1910) e na restauração da província Salesiana de 1923 a 1927 como visitador provincial. Grande devoto de Nossa Senhora Auxiliadora espalhou a sua devoção por toda a parte. Os últimos anos da sua vida passou-os no Brasil como vigário geral da diocese de Cuiabá.

Merece uma referência especial o benemérito e virtuoso Padre dr. Agostinho Colussi (nascido em Casarsa, Itália, e falecido no Estoril a 27 de Maio de 1940), coluna e esteio da Obra Salesiana em Portugal nos períodos mais difíceis: fundação e restauração.

À medida que os anos correm parece que a sua figura se agiganta mais e mais.

De cultura vasta, formado em filosofia e teologia pela Universidade Gregoriana, com uma simplicidade e afabilidade de trato encantador, uma piedade irradiante e um zelo apostólico sem limites, soube cativar e orientar muitas almas para Deus e prender outras à Congregação.

Foi o 1.º mestre de Noviços da Província Portuguesa Salesiana. E nesse cargo de responsabilidade passou os melhores anos da sua vida, de 1896 a 1910 e de 1930 a 1938. A ele e ao seu também virtuoso e culto irmão em religião o Rev.º Padre José Maria Coelho se deve a conservação das Oficinas de S. José. E ambos à semelhança do «Santo» Padre Cruz, amicíssimo destes e de todos os Salesianos, percorreram as igrejas de Lisboa e arredores no apostolado da pregação e confissões nos anos ingratos de 1911 a 1923. O signatário não pode esquecer um colóquio tido com o saudoso e pranteado prof. dr. António Carneiro Pacheco, pouco tempo antes da sua morte. «O Pe. Agostinho Colussi era um santo; os Salesianos deviam inciar a sua causa de beatificação» — afirmou o antigo ministro da Educação Nacional, que teve este salesiano por confessor e director espiritual durante longos anos.

Ao bondoso e virtuoso filho de D. Bosco fica a dever em boa parte o citado ministro iniciativas de projecção nacional como o crucifixo e o ensino religioso nas escolas.

Muitos salesianos e sacerdotes da diocese de Vila Real que ele encaminhou nos preparatórios e inúmeros antigos alunos e amigos recordam com saudade e veneração esta grande figura de sacerdote que se deu inteiramente a Deus, à Igreja e à Congregação Salesiana.

A peregrinação realizou-se nos dias 31 de Maio e 1 de Junho, tendo presidido às cerimónias o sr bispo de Leiria, D. João Pereira Venâncio.



Alunos da Escola de Marinheiros da Marinha Mercante de Caxias, fizeram a sua peregrinação a Fátima, uma das mais piedosas e bem organizadas—10 de Junho de 1969.



SOLDADOS PEREGRINOS

Na peregrinação que desde há anos a Assistência Religiosa da III Região Militar, com sede em Évora, promove ao Santuário, tomaram parte cerca de 450 soldados de todos os quartéis dessa região.

Veio também com os soldados o comandante da região, general Louro de Sousa, acompanhado de diversos oficiais e sargentos, e das esposas destes oficiais. Estiveram representados na peregrinação os Regimentos de Infantaria 16 e Artilharia Ligeira n.º 3, de Évora, o Hospital Militar e o Quartel-General desta cidade, a Escola Prática de Artilharia, de Vendas Novas, o Batalhão de Caçadores 1, de Portalegre, o Batalhão de Caçadores 8, de Elvas, o Regimento de Lanceiros 1, de Elvas, o Regimento de Infantaria 3, de Beja, o Regimento de Instrução Auto n.º 3, de Lagos, o Regimento de Infantaria 4, de Faro, e o Centro de Instrução de Sargentos Milicianos, de Tavira. A intenção da peregrinação foi rezar pela paz no mundo, especialmente nos territórios portugueses, por todos os militares ao serviço da Nação e por suas famílias.

Houve procissão de velas e a velada eucarística presidida pelo capelão-chefe, capitão padre Miguel Ramalho, de Leiria. D. António dos Reis Rodrigues, capelão-mor das Forças Armadas, concelebrou no dia 22 com outros capelães da região. A missa foi acompanhada com cânticos e comungaram muitos soldados. Ao evangelho D. António falou aos soldados no cumprimento dos deveres a fim de se obter a paz, fim principal da vinda a Fátima, recordando-lhes a mensagem de Nossa Senhora, de penitência e oração.

PEREGRINAÇÕES DE LISBOA E COIMBRA

— No dia 25 de Maio, Festa do Pentecostes, estiveram no Santuário alguns milhares de peregrinos.

— De Lisboa veio a Fátima a peregrinação da paróquia da Ajuda, que realizou diversas cerimónias sob a presidência do pároco. Veio outra de Alcântara.

— De Coimbra estiveram centenas de peregrinos da freguesia de S. José que igualmente assistiram à missa, procissão com a veneranda

imagem e tomaram parte em outras cerimónias sob a presidência do pároco.

— Também vieram em peregrinação os alunos do Colégio de S. João de Brito de Lisboa, e a paróquia de Santo Eugénio, da mesma cidade.

— Igualmente efectuou a sua peregrinação a paróquia das Fazendas de Almeirim, assim como um grupo de alunos da Escola Industrial Josefa de Óbidos, de Lisboa.

— Centenas de pessoas tomaram parte na peregrinação da paróquia de Penha de França. Presidiu às cerimónias o padre João de Brito, que celebrou missa e fez homília, e dirigiu a procissão com a imagem de Nossa Senhora.

— Também se efectuou pela 35.ª vez a peregrinação das Filhas de Maria do Corpo Santo que reuniu na Cova da Iria 135 senhoras. Presidiu às cerimónias o padre Domingos Clarkson, religioso dominicano do Corpo Santo e assistente, há cerca de 40 anos, do grupo das Filhas de Maria da igreja do Corpo Santo, de Lisboa.

160 PEREGRINOS DE MUNIQUE

Chegaram no dia 7 de Maio à Cova da Iria 160 peregrinos da diocese de Munique. Realizaram diversas cerimónias: procissão de velas, missas na Basílica e na capela de Santo Estêvão do Calvário Húngaro. Os peregrinos alemães visitaram ainda Lisboa e o convento da Batalha e vários lugares relacionados com as aparições.

A MOCIDADE PORTUGUESA OFERECEU 6 PARAMENTOS AO SANTUÁRIO

— No passado dia 4 de Maio o comissário da Mocidade Portuguesa, tenente-coronel Carlos Gomes Bessa, fez entrega ao reitor do Santuário da Cova da Iria de 6 paramentos brancos, oferta da patriótica organização por ocasião da grande peregrinação nacional da juventude, organizada pela Mocidade Portuguesa em Junho de 1967, na altura do Cinquentenário das aparições de Nossa Senhora.

No acto da entrega esteve presente o assistente religioso da Mocidade, rev. padre dr. António Alves de Campos.

O reitor, mons. António Antunes Borges, agradeceu sensibilizado a

generosa oferta dos filiados da Mocidade Portuguesa.

— A organização feminina da Mocidade Portuguesa entregou igualmente um jogo de paramentos para as concelebrações no Santuário.

FÁTIMA NA SÉ DE OURÉM

No dia 25 os paroquianos de Ourém vieram à Cova da Iria buscar em procissão uma imagem de Nossa Senhora de Fátima para a igreja paroquial, a antiga Sé Colegiada de Ourém. A imagem foi benzida pelo reitor do Santuário, depois da missa em que tomaram parte numerosos paroquianos, e celebrada pelo pároco e em seguida conduzida em procissão para Ourém.

FINALISTAS DOS SEMINÁRIOS DE BRAGA E DE LEIRIA

Desde há anos que vem sendo hábito a presença na Cova da Iria de finalistas dos Seminários para consagrarem a Nossa Senhora as primícias do seu apostolado.

No dia 27 de Maio 24 finalistas de Braga tomaram parte na missa concelebrada sob a presidência de mons. Mouta Reis, reitor do seminário, efectuaram a procissão com a veneranda imagem e visitaram os locais relacionados com as aparições. Acompanhou-os o rev. padre Malvar Fonseca, professor do Seminário de Braga.

No mesmo dia os finalistas do Seminário de Leiria (2 de Cabo Verde, 2 de Leiria e 2 de Timor) vieram a pé desde Leiria e tomaram parte numa concelebração do reitor rev. cónego Manuel Perdigão com os directores espirituais, padres Gameiro e Henrique da Fonseca. Com os finalistas vieram outros seminaristas de Leiria, ao todo 48.

RETIRO E REUNIÃO DO EPISCOPADO PORTUGUÊS

De 19 a 24 de Junho os Bispos da Metrópole e Ilhas fizeram o seu retiro anual que pregou o espanhol P.º José Manuel Estepa Llaurenz. No dia 25 tiveram a sua habitual reunião. Durante o retiro do Episcopado chegou a Fátima, vindo do estrangeiro onde esteve 10 anos, o Bispo do Porto D. António Ferreira Gomes a quem damos as boas-vindas.

?

CURA

DE UMA RELIGIOSA
AMERICANA
EM 13 DE AGOSTO DE 68

Uma equipa de médicos responsáveis pelos serviços clínicos do Santuário de Nossa Senhora de Fátima está a examinar um processo de cura de uma religiosa americana que afirma ter sido curada na peregrinação de 13 de Agosto do ano findo, em Fátima.

Chama-se esta religiosa, Joan Noreen, da Congregação de S. José, da paróquia de S. Lucas, de Clenside, no estado de Pensilvânia, na América do Norte.

Esta religiosa durante seis meses, de 4 de Fevereiro a 13 de Agosto de 1968, sofreu as torturas de uma en-

fermidade: extrema letargia e visão dupla e enevoada, perda total do equilíbrio e diminuição da coordenação dos sentidos, náuseas, e não era capaz de caminhar sem forte apoio. Foi tratada, sem resultado, por 4 médicos eminentes norte-americanos.

Cansada de tanto sofrer e tendo em 21 de Junho de 1968 a visita no hospital de uma mulher que lhe mostrou uma relíquia dos pastorinhos de Fátima, manifestou à sua superiora o desejo de vir ao Santuário de Fátima pedir a sua cura, tanto mais que nos meses de Julho e Agosto a doença tornou-se mais grave.

Partiu de avião, de Nova Iorque, no dia 11 de Agosto de 1968, acompanhada da irmã Maria Elisabeth, do convento de Nossa Senhora das Mercês, de Salem, Carolina do Norte, para Lisboa, donde saiu para Fátima no dia 13.

A irmã Joan Noreen chegou à Cova da Iria pelas 11,30 horas do dia 13, tendo ainda assistido a parte da missa e bênção dos doentes,

não sentindo até essa altura qualquer modificação no seu estado de saúde.

Porém, à tarde, as duas religiosas, com muitas dificuldades para a doente, voltaram à Basílica onde se estava a celebrar a missa vespertina. Foi durante a missa, na altura precisa da consagração que a irmã Joan notou qualquer coisa estranha em si. Quando o sacerdote elevou a hóstia, a sensação de vertigem e as náuseas consequentes desapareceram. Súbitamente voltou a sentir força nas pernas. Pôde ver claramente sem distorção. Num único instante recuperou total bem-estar físico.

A irmã Noreen e a sua companheira regressaram a Nova Iorque no dia 17 de Agosto; a 4 de Setembro retomava o seu trabalho na paróquia de S. Lucas, onde ensina rapazes e raparigas da 7.ª classe e dirige o programa da catequese elementar da paróquia.

O processo da sua cura foi enviado ao bispo de Leiria, para que os médicos do Santuário se pronunciem.



Enfermeiros Católicos conduzem o andor de Nossa Senhora de Fátima.



200 DOENTES NA PEREGRINAÇÃO NACIONAL

Alguns tomaram parte num retiro de 3 dias pregado pelo Padre Manuel Velho.

Acompanharam - nos médicos, enfermeiros e enfermeiras católicos e Irmãos Hospitalários de S. João de Deus.

D. Américo Henriques, Bispo Coadjutor de Lamego presidiu às cerimónias religiosas e deu a bênção com o Santíssimo.





O TERÇO PODERÁ VIR A SER CONSIDERADO ORAÇÃO LITÚRGICA?

UM "SUSTENIDO"
PARA O TERÇO

Com este título o Boletim da Causa de Beatificação dos Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto, publicou em 1968 o seguinte artigo:

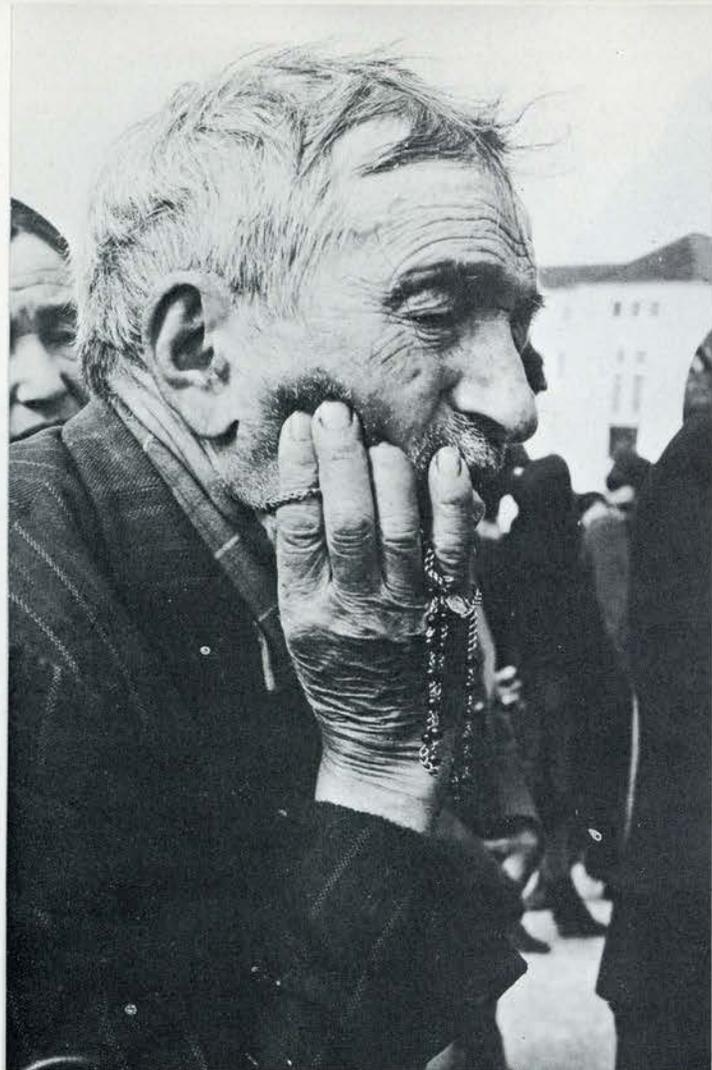
Estamos no fim do ano Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima. Todo um imenso hino de louvor, gratidão, impetração e reparação elevou-se este ano da Cova da Iria e dos santuários marianos do mundo inteiro, ao trono d'Aquela que S.S. Paulo VI, em boa hora, proclamou Mãe da Igreja. Não é possível, porém, deixar de verificar que, mais de uma vez, a própria celebração cinquentenária da Virgem de Fátima foi oportunidade para que o hino de que falamos fosse empanado em seu brilho pela intromissão de notas dissonantes. E essas notas ameaçaram, mais de uma vez, reduzir a lamentável cacofonia a harmonia dos louvores que se queriam uníssonos nas pautas daquela admirável partitura que a própria Virgem profetizara, quando disse: «Todas as gerações chamar-Me-ão Bem-aventurada!»

Fica para os anais da Mariologia fazer o inventário dessas notas dissonantes. Aqui só nos interessa, no momento, chamar a atenção dos nossos leitores para uma delas e convocá-los a uma acção conjunta, donde resulte, se não o desaparecimento, ao menos a integração dessa nota dissonante no conjunto da partitura em que a Santa Igreja vai escrevendo, ao longo dos séculos, as suas composições em louvor da Mãe de Deus e sua Mãe.

Que nota dissonante é essa? Foi a campanha, aqui e acolá orquestrada contra a recitação do terço. Com efeito, quando o mundo católico celebra festivamente — como em Fátima — o ano jubilar das aparições em que Nossa Senhora tão insistentemente renovou o seu pedido da difusão do rosário entre o povo de Deus; quando o próprio Papa em pessoa vem depositar aos pés da imagem peregrina, na Cova da Iria, como peregrino do Cinquentenário um magestoso rosário, nessas circunstâncias, obstinar-se alguém na subestimação do terço como oração é uma dissonância de todo inoportuna.

Ora a tecla a que sempre voltam os autores dessa dissonância é o carácter de oração particular ou, eventualmente, no máximo oficial que caracteriza o terço. «O rosário não é oração litúrgica», repetem esses zelotas do liturgicismo hipertrofiado. É, portanto, precisamente essa objecção que nos leva a propor hoje aos nossos leitores como despedida do Cinquentenário de Fátima, uma acção conjunta em favor do terço. Ei-la:





Sugerimos aos nossos leitores obter do povo de Deus um grande plebiscito em favor da elevação do terço à categoria de oração litúrgica. Com efeito, na partitura dos louvores à Virgem, o terço é sem dúvida uma das notas dominantes. Por um fenómeno que não vem ao caso analisar aqui, mais de um irmão nosso recusa-se a cantar connosco essa nota. Ora, quem sabe se a Igreja houvesse por bem escrever-lhe à frente um sus-tenido, deixariam esses nossos irmãos de fazer a sua objecção e viriam cantar connosco? Como toda a gente sabe, o sus-tenido é, na notação musical, um acidente que indica ter sido a nota respectiva elevada de meio tom. O sus-tenido, no nosso caso, seria a declaração da Santa Sé fazendo do terço oração litúrgica, operação que indubitavelmente elevaria essa prece mariana, já tantas vezes rezada oficialmente a uma dignidade ainda maior, a dignidade de oração estritamente litúrgica.

A quem objectasse qualquer coisa do ponto de vista da teologia da Liturgia, responderíamos que abrisse a esmo qualquer bom tratado dessa matéria (haja visto D. Cipriano Vagaggini, «El sentido teologico de la Liturgia», BAC, 1965, p. 120), para ver que não há nenhuma incompatibilidade essencial entre a natureza do rosário e a natureza da oração litúrgica. No índice analítico da mencionada obra de D. Vagaggini, à rubrica «rosário» lê-se: «não faz parte até agora da liturgia, 120». Até agora, diz esse insigne liturgista! Não é a melhor confissão de que ele não só não vê incompatibilidade entre a natureza do terço e a oração litúrgica como prevê até a probabilidade de ele vir a ser nos nossos dias elevado a essa categoria!

Ora, é bem possível que, perante um grande interesse manifestado a esse respeito pelo povo de Deus,

o Santo Padre julgasse oportuno fazer uso mais uma vez do seu poder de ligar na terra para que o Senhor ligue no céu. Ele ligaria na terra ao rosário da Virgem Maria, Mãe de Deus e Mãe da Igreja, o carácter de oração litúrgica e o Filho de Maria, fiel a promessa feita a Seu vigário na terra, ligaria no céu as graças e bênçãos especiais da oração litúrgica e essa oração predilecta de Sua Mãe Santíssima.

Aqui fica pois a sugestão a todos os leitores de «Videntes de Fátima». Se essa ideia te agrada, caríssimo leitor, escreve a tua aprovação num simples postal de correio, com o teu endereço e remete-o à nossa redacção. Levaremos o resultado ao conhecimento da autoridade competente a qual verá, então, que medidas concretas tomar para se dar ao terço esse «sustenido» pastoral que o eleve à dignidade de oração litúrgica da Igreja!



AS PRIMEIRAS REACÇÕES AO INQUÉRITO

MARCOS FROTA, S. V. D.

Com esse título «Um sustenido para o terço», o boletim da Postulação das Causas de Beatificação e Canonização dos Servos de Deus Francisco e Jacinta Marto publicou, no número 5, de 1968 (Nov. e Dez.), um artigo em que se procurava sondar a opinião dos leitores sobre uma possível elevação do rosário de Nossa Senhora à dignidade de oração litúrgica, bem como sobre a oportunidade de se promover, em todo o povo de Deus, um grande plebiscito com esse pedido à Santa Sé. Pouco tempo depois, por iniciativa da mesma Postulação, o mesmo artigo era reproduzido em outras publicações marianas de Portugal como «A Voz de Fátima», «Stella», etc. À data do presente estudo só temos conhecimento da reprodução desse artigo, fora de Portugal, numa revista canadense e num boletim quinzenal de congregados marianos do Brasil.

Pretendemos, neste estudo, examinar o teor das respostas que até esta data (16/3/69) chegaram à sede da Postulação. E para que também o leitor o possa avaliar melhor, damos, em anexo, a íntegra do aludido artigo.

I) NATUREZA DOS SIGNATÁRIOS

a) **Avaliação quantitativa** — Até à data da elaboração deste estudo (16/3/69), quatro meses apenas se passaram desde a expedição, em sete línguas (português, francês, inglês, italiano, espanhol, húngaro), do N.º 5/68 de «Videntes de Fátima». Nesse interim chegaram à Postulação respostas enviadas das seguintes regiões do globo: Austria (10), Alemanha (285), Açores (313), Angola (17), Bélgica (54), Brasil (1263), Canadá (53), Chile (41), Córsega (1), Espanha (96), França, (220), Itália (40), Inglaterra (68), Irlanda (6), Luxemburgo (2), Madeira (209), México (1), Malaia (1), Noruega (1), Portugal continental (2830), Suíça (2), USA (318), húngaros exilados (161), Jugoslávia (1), num total de 24 regiões e 5995 respostas nominais quer em cartas e cartões postais quer em listas de abaixo-assinados.

Esse total fica aquém das respostas reais afirmativas, pois várias destas não se podem contar com precisão, uma vez que muitas cartas e cartões tinham indicações genéricas como estas: «Irmã Lucy, e todas as Irmãs do Convento»; «Paulo de Freitas e família»; «Todos os doentinhos da enfermaria X»; «Eu, minha mãe, irmãos e sobrinhos»; «No nome de meus paroquianos de X e Y»; «A abadessa e as monjas do Convento de X».

Além disso, na medida em que números absolutos podem exprimir de algum modo o desejo expresso do povo de Deus de ver e rosário elevado à categoria da oração litúrgica, podemos acrescentar desde já a essas (mais de seis mil) respostas já chegadas até àquela data à Postulação outras mais, em número aproximado de 150 000! Pois, para grande surpresa e alegria da Postulação, que tinha a impressão de estar sendo pioneira no lançamento dessa ideia, o correio trouxe-lhe, com data de 28/2/69, uma carta do rev. padre Valério Alberton, SJ, coordenador

das Federações das Congregações Marianas do Estado de Santa Catarina, no Brasil, da qual destacamos este trecho:

«Estamos de pleno acordo com a sugestão. (...). Tanto mais que a Federação já fez idêntico pedido directamente ao Santo Padre. De fato, em seu órgão nacional, «Estrela do Mar», B.º Novembro/Dezembro de 1966, transcreve a petição, levada em mãos por S. Emília. Rev. M. D. Jaime de Barros Câmara, DD. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro e Assistente Nacional da mesma Confederação, por ocasião de sua ida a Roma para participar, em 1966, do Congresso de Teologia convocado pelo Santo Padre». E o rev. padre Alberton transcreve, em seguida, aquela petição, na qual os signatários se dizem representantes de 84 Federações Diocesanas e 2760 sodalícios, num total aproximado de 150 000 congregados marianos.

b) **Avaliação qualitativa** — 1) **Sexo**. Como nem todas as assinaturas são legíveis, não se pode afirmar com segurança o número exacto das respostas masculinas e femininas. No entanto, as assinaturas legíveis são de predominância feminina.

2) **Condição eclesiástica** — 1 bispo, 43 sacerdotes, 1 diácono permanente, 259 religiosas e 11 irmãos religiosos. As demais provêm do laicato.

3) **Condição Social**. É a mais variada: estudantes, trabalhadores, intelectuais; jovens, maduros e velhos, solteiros e casados. Em grande número pertencem esses leigos a organismos ou associações de carácter mariano.

II) NATUREZA DAS RESPOSTAS

Se porventura «Um sustenido para o terço» despertou algures reacção negativa, os seus autores, pelo menos até à data acima mencionada, não o fizeram saber à sede da Postulação.

Se algumas respostas negativas houve, negativas o foram só em parte e não no que se refere propriamente à promoção litúrgica do terço. Com efeito. Embora dizendo não só não serem contra a ideia como até desejarem realmente ver o terço elevado um dia a essa dignidade de oração oficial da Igreja, os seus signatários perguntavam se não seria mais oportuno proceder-se primeiro a uma grande campanha para levar o povo de Deus a um recitação mais meditada e sobretudo mais piedosa do terço.

Exceptuadas essas reservas, a maioria quase absoluta das respostas são irrestritamente positivas. E a sua forma vai desde a enunciação pura e simples de adesão à ideia até à enunciação motivada, à motivação acrescida de felicitações, confidências e sugestões. É o que passamos agora a examinar mais de perto.

A) **Felicitações**. São individuais (em bilhetes postais ou cartas pessoais) e colectivas, como adesões aos termos em que se vazaram os cabeçalhos dos respectivos abaixo-assinados.

O seu tom vai dos mais simples parabéns às mais profusas congratulações. Haja em vista, p. ex., estas: «Achei a ideia vinda do céu!» (uma religiosa de Ermesinde); «Acho que é uma ideia formidável (a *tremendous idea*)» (um leigo da A. do Norte); «Que maravilhosa ideia elevar o rosário à categoria

de oração litúrgica! V. Revma. deve ter sido inspirado pela Rainha do Sacratíssimo Rosário» (outro leigo da A. do Norte).

B) **Confidências.** Em geral, ao dar largas à sua alegria pela ideia desse possível enriquecimento litúrgico do terço, os nossos signatários davam largas igualmente à manifestação do seu desagrado, do seu escândalo, da sua consternação perante a onda de subestimação e até de oposição ao rosário, suscitada e mantida até mesmo por padres e religiosos. E por isso mesmo faziam ardentes votos para que a Postulação leve adiante a ideia com urgência e eficácia. Um leigo da Bélgica chegou a prometer a celebração de missas de acção de graças, caso a campanha consiga o seu intento.

C) **Motivações.** Também são muitas e variadas as motivações com que esses correspondentes justificam a sua adesão a essa iniciativa. O povo simples soube intuir imediatamente que não há oposição teológica essencial entre a natureza dessa prece mariana que é o rosário e o carácter oficial da oração da Igreja. Mas nem sempre soube atinar com motivações teóricas correctas. O que vem demonstrar uma das vantagens que pode advir dessa elevação do terço: a de melhorar a natureza e o valor da oração oficial da Igreja. Mas a grande maioria das motivações é correcta, pelo menos em relação aos motivos particulares que alegam.

Não houve nenhuma motivação completa. É que estamos a haver-nos com cartas e listas de abaixo-assinados e não com artigos eruditos para revistas especializadas. No entanto, fazendo um florilégio dos motivos que esse volume de correspondência encerra, quando os eruditos se debruçarem sobre o assunto, já encontrarão uma boa matéria-prima à sua disposição. Oferecemos-lhes por isso aqui a súplica dessa motivação. Assim, no entender dos nossos correspondentes:

- 1 Esse sustentado para o terço:
 - a) é a melhor honra que nesta altura da crise eclesiástica se pode dar a Nossa Senhora;
 - b) levaria a manter de pé o terço;
 - c) levaria os adversários do terço a reverem a sua posição;
 - d) levaria os fiéis a rezarem melhor o terço, que nos últimos tempos perdeu muito de sua atracção;
 - e) corresponde com certeza aos desejos de Nossa Senhora que tanto tem insistido na recitação do terço;
 - f) faria com que este se tornasse um diálogo com Jesus, com a SS. Trindade, por intermédio de Maria Mãe de Jesus e Mãe da Igreja;
 - g) seria de grande valor na ordem da pastoral e da piedade, sem que haja qualquer inconveniente do lado doutrinal (Pe. Fernando Leite, S. J., Braga).
- 2 Não há inconveniente doutrinal para esse sustentado, pois:
 - a) De facto, os padres *caecutientes* podem substituir o breviário pelo rosário. (Um religioso da Córsega);
 - b) «pois não é considerado como oração pública o ofício dos *Pater* que recitam os nossos irmãos leigos? E o ofício dos terciários não se compõe semelhantemente de *Pater, Ave et Gloria Patri?*» (Um padre francês);

- c) nos mistérios do terço contemplam-se as mesmas cenas bíblicas que na liturgia da missa ou nas orações litúrgicas das festas eclesiásticas;
- d) as 150 Ave-Marias representam os 150 salmos e contemplam-se os mistérios da vida de Cristo. Além disso, o Pai Nosso e a Ave-Maria são orações litúrgicas;
- e) dos quinze mistérios contemplados, treze têm a Cristo como objecto, o que teria levado o padre Egide a dizer que o rosário é mais cristológico que mariano; (um leigo francês);
- f) suas santidades os papas João XXIII e Paulo VI atribuem expressamente um certo carácter de oração pública e oficial ao terço (Confederação das C. C. M. M. do Brasil);
- g) no novo catálogo de indulgências, o terço ocorre em terceiro lugar (logo depois da visita ao SS. Sacramento e leitura da Sagrada Escritura) entre as setenta orações e práticas indulgenciadas.

Resumo: Como facilmente se vê, essa motivação parte do aspecto material do terço como ele é no momento e reconhece nele elementos da prece litúrgica: as partes vocais (P. N. A. M. e G. P.) de que ele consta são elementos materiais da oração litúrgica da Igreja (missa, ofício divino) e os mistérios nele contemplados são precisamente os mistérios que essa mesma liturgia contempla e vive ao longo dos seus ciclos temporais.

Ela apela em seguida para o facto de uma certa equiparação do breviário ao terço, no caso dos padres *caecutientes*, bem como para um texto pontifício que, não chama ao terço simplesmente oração litúrgica, reconhece-lhe, nos nossos dias, um carácter de oração pública e oficial, na medida em que com a sua recitação no mês de Outubro os fiéis respondem a um apelo solene e oficial dos últimos papas a toda a Igreja a favor do bem comum, a paz do mundo.

Evidentemente não está aí toda a teologia da oração litúrgica. Mas são observações que não podem ser subestimadas numa avaliação das possibilidades de se elevar o rosário à dignidade de oração da Igreja.

D) **Sugestões.** Podem-se distinguir três classes

A) para o bom resultado plebiscitário da campanha:

1. a mais importante delas foi a do rev. padre Valério Alberton, SJ. Ele convida Fátima a associar-se à Confederação Nacional das CC. MM. do Brasil (também ela já comprometida na mesma promoção litúrgica do terço. Cfr. l, a), a fim de se empreender conjuntamente uma acção mundial em prol dessa iniciativa;
2. que se faça uma grandíssima propaganda para obter milhares e milhares de assinaturas de todas as nações (padre Giuliano Giorgio, MS);
3. que se interessem por essa campanha abaixo — assinados, as revistas e demais periódicos do Exército Azul e seus movimentos adjuntos no mundo inteiro;

4. que se mandem listas impressas às pessoas interessadas na colecta de assinaturas, para lhes facilitar o trabalho;
5. que juntamente com essas listas se mande também algum artigo da lavra de mariólogos de valor (um Missionário de La Salette, Segóvia, Esp.);
6. que se reimprima, como separata no N.º 5/68 dos «Videntes de Fátima» o artigo «Um sustenido para o terço», a fim de os promotores de abaixo-assinados poderem difundir-lo ao seu redor.

B) Para a boa recitação do rosário. Que a Postulação:

1. trabalhe no sentido em que o Santo Padre, o papa Paulo VI, se dirigiu aos Padres Dominicanos, pedindo-lhes que ponham essa prece mariana ao alcance dos cristãos de hoje (um sacerdote de Dole, França);
2. insista primeiro no sentido de levar o povo a meditar o rosário;
3. impeça que o rosário continue a ser uma mera declamação de Pais Nossos e Ave-Marias, e o promova como oração «contemplativa»;

c) Para a reestruturação litúrgica do rosário:

1. manter a divisão tripartida dos mistérios (gozosos, dolorosos, gloriosos), mesmo na hipótese de se preferir oferecer à contemplação dos fiéis outros mistérios da vida do Senhor (conforme os ciclos do ano litúrgico), além dos quinze tradicionais;
2. obter que a autoridade competente solucione finalmente a polémica sobre o carácter litúrgico do terço (Frau A. Dunkel, Alemanha);
3. solicitar a colaboração erudita de mariólogos de valor;
4. em atenção aos nossos irmãos separados, fazer sobressair o aspecto bíblico do rosário. Talvez pudesse acentuar-se que cada qual poderia acrescentar dizeres bíblicos complementares (uma correspondente de Olpe, Alemanha).

Resumindo: A quase totalidade dos nossos correspondentes não se preocupa com o aspecto teórico-doutrinal que uma eventual promoção do terço a liturgia possa envolver. Se é lícito falar assim, diremos que o «instinto de fé» (Const. Lumen Gentium) desses fiéis presente perfeitamente não haver incompatibilidade essencial entre ambas as coisas. Em vista disso, preferem sugerir que se realize quanto antes e de maneira eficaz (se a autoridade competente realmente o julga indispensável) o plebiscito a que se alude no N.º 5/68 dos «Videntes de Fátima». Pois estão intimamente convencidos de que, na devida altura, saberá o Santo Padre encontrar a motivação e a estruturação convenientes para o terço ser declarado oração litúrgica.

III) CONCLUSÃO

De informações recebidas da Postulação da Causa dos Videntes de Fátima, podemos adiantar que, de 16/3/69 à data em que assinamos este estudo, lá continuam a chegar diariamente novas adesões à campanha pró-elevação do terço a oração litúrgica. O que prova que só lentamente se vai difundindo o conhecimento da sugestão contida no N.º 5/68 do «Videntes de Fátima». Fazemos nosso, portanto, o apelo de tantos milhares de cristãos do mundo inteiro para que o rev. postulador daquela causa, intensificando e tornando mais eficiente aquela sugestão, não deixe morrer naqueles corações a esperança que o seu boletim neles suscitou: a de verem a Igreja dirigir litúrgicamente, pelo rosário, em sua oração oficial, Àquela que o Santo Padre ainda há pouco declarava solenemente «Mãe da Igreja»! Que ele continue a promover essa campanha com o zelo e o ardor que um tal volume de correspondência bem lhe merece. Que, sobretudo, não deixe de utilizar sugestões valiosas como a que o rev. Alberton lhe oferece!

Que os mariólogos, por sua vez, queiram aceitar, também eles, as sugestões que lhe são feitas nessa correspondência e empreguem quanto antes, nas suas publicações especializadas, o saber teológico para motivar aquilo que o povo de Deus pressente sem o poder exprimir com sua ciência teórica. Creio que mesmo esse resultado ainda parcial de um plebiscito que continua a crescer todos os dias pode muito bem significar para esses doutos filhos de Maria uma «procuração» suficientemente válida e expressiva!

MOVIMENTO NO SANTUÁRIO PARA O MÊS DE AGOSTO

- | | |
|----------------|---|
| 2 e 3 | — Peregrinação Cordimariana — (organizada pelos Missionários Filhos do Imaculado Coração de Maria). |
| 3 | — Peregrinação de Oiã (Aveiro). |
| 5 | — Peregrinação de Matosinhos. |
| 1 a 3 | — Retiro de Casais, do Patriarcado. |
| 2 a 7 | — Retiro de colaboradores do sacerdócio. |
| 11 | — Peregrinação italiana. |
| 16 a 20 | — Retiro de Auxiliares das Missões Católicas. |
| 18 a 22 | — 1º retiro da União Missionária Franciscana. |
| 21 a 25 | — Retiro da LIAM. |
| 25 a 29 | — 2º retiro da União Missionária Franciscana. |
| 27 a 2 de Set. | — Dias de Estudo da Federação dos Institutos Religiosos Femininos. |



PEREGRINAÇÃO DE 13 DE JUNHO

A peregrinação de Junho começou, como todas as grandes peregrinações, no dia 12 à noite com a procissão Eucarística pelo recinto. Milhares de fiéis, empunhando velas acesas, acompanharam o Santíssimo Sacramento. A preceder este acto, rezou-se o terço que foi acompanhado de leituras bíblicas e comentários.

Pela manhã do dia 13 foi concelebrada missa no altar exterior da Basílica, durante a qual foram distribuídas para cima de 9000 comunhões. Entretanto mais 40 sacerdotes foram celebrando no interior do templo.

Às 10 horas foi recitado o terço junto da Capelinha, donde a seguir foi conduzida a imagem de Nossa Senhora para o Seu lugar habitual ao lado do altar sobre a escadaria onde foi concelebrada a missa da peregrinação. Presidiu o senhor D. João Pereira Venâncio, bispo de Leiria e concelebraram mais 15 sacerdotes. Ao Evangelho pregou sobre a solenidade litúrgica do dia, Sagrado Coração de Jesus, o Padre Barbosa Pinto.

Entre os peregrinos estrangeiros encontravam-se sete refugiados vietnamitas residentes em Nice. Muitos peregrinos de várias nacionalidades. Ainda de notar a presença de Mons. José Cinrricone, pároco de São Francisco de Assis de Rochester onde diariamente



Refugiados vietnamitas estiveram em Fátima na peregrinação de Junho, pedindo paz para a sua terra



dirige um programa radiofónico dedicado à reza do terço.

No fim da missa o prelado auxiliar de Leiria expôs o Santíssimo Sacramento, recitou a consagração ao Sagrado Coração de Jesus e deu a bênção aos doentes, 82, e a todos os peregrinos.

Antes da procissão do «Adeus» o senhor Bispo de Leiria referiu-se às viagens do Papa a Genebra e à África e pediu aos peregrinos que rezassem por suas intenções.



Promessas ingénuas revelando uma fé simples mas autêntica e comovedora

